

Ficha 5 · Documentário **Dossiê do Professor** · p. 147**“Navegações”**

07 min 40 s

Grandes Livros, RTP e Companhia de Ideias

O que pode a poesia fazer pelo mundo? Qual é a importância de um poema? As paisagens, as cidades, as pessoas seriam diferentes se não houvesse poesia? Temos políticos e exércitos e sociedades e fábricas e estádios. Temos lojas e estradas e carros e pontes. Temos pescadores e padeiros para nos saciar a fome, médicos para tratar as feridas, engenheiros e arquitetos, advogados e professores. Mas um poeta, para que serve um poeta? Nos momentos difíceis, nos momentos fáceis, será que uma palavra pode salvar o mundo? Será que um verso pode fazer a revolução?

Sophia de Mello Breyner escreveu há mais de vinte anos um livro de nome *Navegações*. Nele descobriu que a poesia pode iluminar o caminho. Quer saber como? Suba a bordo.

10 **Teresa Rita Lopes** [professora universitária] “Digo: / ‘Lisboa’ / Quando atravesso – vinda do sul – o rio / E a cidade a que chego abre-se como se de seu nome nascesse / Abre-se e ergue-se em sua extensão noturna / Em seu longo luzir de azul e rio / Em seu corpo amontoado de colinas – / Vejo-a melhor porque a digo / Tudo se mostra melhor porque digo / Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência / Porque digo / Lisboa com seu nome de ser e de não ser / Com seus meandros de espanto, insónia e lata / E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro / Seu co-nivente sorrir de intriga e máscara / Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata / Lisboa oscilando como uma grande barca / Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência / Digo o nome da cidade / – Digo para ver”.

20 Esta não era a cidade de Sophia. Sophia era do Porto, da casa grande de família da Quinta do Campo Alegre e da praia da Granja. Lisboa foi a cidade para onde veio estudar Clássicas e se deixou ficar. Mas Lisboa era, sobretudo, o ponto de partida simbólico dos Descobrimentos, o lugar conhecido que se deixava a troco da incerteza do Novo Mundo. E Lisboa era um grande caminho para o mar. Mas o poema de abertura de *Navegações* deixa outras pistas importantes.

Fernando JB Martinho [professor universitário] O primeiro poema de *Navegações*, aquele poema sobre Lisboa, a construção do poema mostra como ela é um autor extremamente moderno. Temos uma espécie de aplicação de uma técnica de montagem. É como se a gente estivesse a ver muitas vezes alguns dos poemas mais recentes de Sophia.

30 *Navegações* divide-se em três secções: “Lisboa”, “Ilhas” e “Deriva”. Contudo, numa viagem, o que menos importa é o ponto de partida. Por isso, Sophia pouco se detém na primeira parte e deixa a “Lisboa” um só poema. Na página seguinte já partiu, já está do outro lado do mundo.

Rosa Lobato Faria [escritora e poetisa] “Navegámos para Oriente – / A longa costa / Era de um verde espesso e sonolento // Um verde imóvel sob o nenhum vento / Até à branca praia cor de rosas / Tocada pelas águas transparentes // Então surgiram as ilhas luminosas / De um azul tão puro e tão violento / Que excedia o fulgor do firmamento / Navegado por garças milagrosas. // E extinguiram-se em nós memória e tempo”.

Navegações apareceu a Sophia de Mello Breyner Andresen em 1977. Convidada a participar nas comemorações do dia de Camões em Macau, seguia viagem quando a voz do comandante interrompeu a madrugada para informar que sobrevoavam naquele momento a costa do Vietname. Sophia correu as cortinas da janela do avião e olhou o azul da Terra.



40 **Maria Andresen [filha e escritora]** “Escrevi os primeiros poemas simultaneamente a partir da minha imaginação, desse primeiro olhar, e a partir do meu próprio maravilhamento. As portas da Ásia abriram-se naquele preciso azul de que fala Dante no *Purgatório*: ‘Dolce color d’oriental zaffiro’.”

José Luís Peixoto “Navegação abstrata / Fito como um peixe o voo segue a rota / Vista de cima tornou-se a terra um mapa // Porém subitamente atravessámos do Oriente a grande porta / De Safiras azuis no mar luzente”.

Navegações nascia, pois, não de uma biografia, não de uma reflexão, mas do espanto.

Zeferino Coelho Ela abriu a janela e viu... e ficou maravilhada com o que viu, cá em baixo. E então a ideia do livro, a ideia do poema, a ideia de ligar isto às navegações dos portugueses no século XV e XVI e a ideia do maravilhamento face à beleza do mundo...

Fernanda Freitas [apresentadora de TV] “Aqui viu o surgir em flor das ilhas / Quem vindo pelo mar desceu ao sul / E o cabo contornou para nascente / Orientando o cortar das negras quilhas // E sobre as altas nuvens brancas líras / Os olhos viram verdadeiramente / O doce azul de Oriente e de safiras”.

55 Sobrevoando o Oriente pela primeira vez, Sophia de Mello Breyner pensou nos homens que ali chegaram quinhentos anos antes, sem saber o que sabemos hoje, sem relatos e fotografias, vídeos e filmes. Os manuais de História falam dos feitos dos portugueses como entidade coletiva, anónima. Mas os homens concretos, aqueles que ali chegaram em nome, ou não, de um país, que terão sentido? Quão tremenda terá sido a revelação daquelas cores, daquelas árvores, daqueles animais, de todo aquele mundo estranho e fascinante?

60 **Fernando JB Martinho [professor universitário]** Quer dizer, está ali, digamos, a viagem a Macau, o ir falar de Camões leva-a, digamos, a fazer uma reflexão sobre o que teria sido, para os navegadores portugueses, o contacto com o Mundo Novo. O espanto, o maravilhamento, o deslumbramento que eles terão sentido perante uma realidade completamente desconhecida, perante um mundo, um real completamente diferente daquele a que eles estavam habituados.

